

Temas Gerais em Psicologia

Bárbara Anzolin
Daniele da Silva Fébole
(Organizadoras)





TEMAS GERAIS EM PSICOLOGIA

Bárbara Anzolin
Daniele da Silva Fébole
(Organizadoras)

Editora Chefe
Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Conselho Editorial
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior
Universidade Federal de Alfenas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto
Universidade Federal de Pelotas

Prof^a Dr^a Deusilene Souza Vieira Dall'Acqua
Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves
Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Takeshy Tachizawa
Faculdade de Campo Limpo Paulista

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes
Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez
Universidad Distrital Francisco José de Caldas/Bogotá-Colombia

Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

2017 by Bárbara Anzolin e Daniele da Silva Fébole

© Direitos de Publicação

ATENA EDITORA

Avenida Marechal Floriano Peixoto, 8430

81.650-010, Curitiba, PR

[contato@atenaeditora.com.br](mailto: contato@atenaeditora.com.br)

www.atenaeditora.com.br

Revisão

Os autores

Edição de Arte

Geraldo Alves

Ilustração de Capa

Geraldo Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T278

Temas gerais em psicologia / Organizadoras Bárbara Anzolin,
Daniele da Silva Fébole. – Curitiba (PR): Atena, 2017.
212 p. ; 414 kbytes

ISBN: 978-85-93243-13-4

DOI: 10.22533/ed.at.243134

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

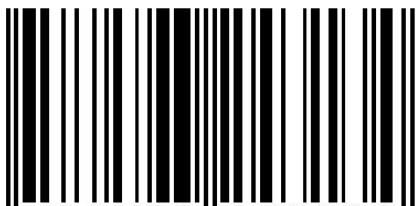
1. Psicologia. I. Anzolin, Bárbara. II. Fébole, Daniele da Silva.
III. Título.

CDD-150

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-93243-13-4



9 788593 243134

Apresentação

A proposta deste livro é desafiadora: reunir temas gerais em psicologia. Primeiro por desafiar o caminho historicamente traçado pela profissão que é hegemonicamente clínico, classificatório e avaliativo; segundo por localizar a psicologia em diversos contextos.

Os capítulos exploram múltiplas possibilidades de atuação da psicologia e constroem discussões sobre diferentes temáticas com referenciais teóricos distintos, compondo um cenário de pluralidade e provocação.

A primeira parte, denominada ‘Psicologia e subjetividade’, reúne textos que versam sobre o processo de construção das relações cotidianas e fenômenos que as atravessam, abrangendo temas como autonomia a respeito da própria vida; perdas coletivas e elaboração de luto; discursos sobre a adolescência; suicídio entre jovens e adolescentes; e relações familiares e rejeição materna e abuso sexual infantil. Os textos apresentam não apenas uma leitura psicológica sobre os fenômenos, mas também relatos de experiência e propostas de atuação profissional.

A seção intitulada ‘Psicologia, gênero e sexualidade’ nos convida a reflexão acerca das construções normativas de gênero e sexualidade que circunscrevem nossas possibilidades de vida. Ao problematizar a naturalização dessas normas, problematiza também teorias e métodos de trabalho psicológicos que são pautados, sobretudo, em um modelo de ciência sexista e heteronormativo.

A terceira parte, ‘Psicologia: ciência e sociedade’ traz leituras da ciência psicológica sobre alguns processos sociais como a produção da violência na sociedade capitalista; o uso de substâncias psicoativas e sua inter-relação com o contexto social; criminalidade e pobreza; e a institucionalidade do político, ou seja, olhar para o funcionamento político como uma instituição. Ademais há uma discussão sobre método e o distanciamento entre teorias.

Por fim, em ‘Psicologia e formação’ apreciamos trabalhos que discutem lacunas e possibilidades na formação em psicologia e de professores e professoras no Brasil e também a importância da representação discente nas reuniões de departamento.

Cada capítulo nos acena a um sobrevoo sobre uma temática ou experiência, instigando nossa curiosidade, de leitoras e leitores, para aprofundar conhecimentos. Este conjunto de possibilidades nos mostra a amplitude de atuações da psicologia e denuncia a necessidade e urgência de um comprometimento ético e político da nossa profissão com as mudanças sociais.

*Bárbara Anzolin
Daniele da Silva Fébole*

Sumário

Apresentação..... 04

Parte 1 Psicologia e subjetividade

Capítulo I

Considerações iniciais sobre a autonomia decisória do idoso diante de seus tratamentos oncológicos

Giovana Kreuz e Maria Helena Pereira Franco..... 08

Capítulo II

27/01/2013 – Santa Maria, RS: relato de experiência sobre trabalho voluntário

Maria Eduarda Freitas Moraes e Cesar Augusto Vieira Junior..... 16

Capítulo III

Práticas discursivas em psicologia do desenvolvimento e a produção da adolescência

Ana Priscilla Christiano..... 22

Capítulo IV

Suicídio de jovens e adolescentes: o que o sentimento de despertamento tem a ver com isso?

Paulo Vitor Palma Navasconi e Lucia Cecilia da Silva..... 33

Capítulo V

O fantasma da rejeição materna e seus impactos no desenvolvimento emocional: um estudo de caso

Vivian Rafaella Prestes e Regina Perez Christofolli Abeche..... 47

Capítulo VI

O abuso sexual infantil sob um olhar psicanalítico: desdobramentos em experiências traumáticas

Émily Laiane Aguilar Albuquerque..... 65

Parte 2 Psicologia, gênero e sexualidade

Capítulo VII

Os impactos da violência à identidade da mulher

Jainny Beatriz Silva Duarte, Wilsilene Pereira Gomes, Zelinda da Silva Nonato Reis e Simone Jörg..... 85

Capítulo VIII

- O trabalho dos profissionais de psicologia no processo transexulizador: reflexões e possibilidades
Bárbara Anzolin.....93

Capítulo IX

- Sexismo e homofobia: uma análise do discurso em músicas nacionais
Daniele da Silva Fébole.....100

Parte 3 Psicologia: ciência e sociedade

Capítulo X

- Psicologia histórico-cultural e o debate acerca do abuso de substâncias psicoativas
Vanessa Beghetto de Oliveira Penteado e Giovana Ferracin Ferreira.....107

Capítulo XI

- Razão dialética, violência e drogas: compreensões existencialistas
Sylvia Mara Pires de Freitas, Rose Ani Jaroszuk, André Henrique Scarafiz e Lucia Cecilia da Silva.....114

Capítulo XII

- A produção da violência na sociedade capitalista: apontamentos críticos acerca da relação entre violência estrutural, criminalidade e pobreza
Bárbara Anzolin, Maria Isabel Formoso Cardoso e Silva Batista, Aline de Deus da Silva e Elisandra Cristina Dal Bosco.....157

Capítulo XIII

- Análise institucional da gestão pública municipal: algumas formas e impasses do funcionamento de uma prefeitura
Marita Pereira Penariol e Silvio José Benelli.....165

Capítulo XIV

- Método em psicologia: apontamentos sobre a apropriação construcionista de vigotski
Eduardo Moura da Costa e Silvana Calvo Tuleski.....175

Parte 4 Psicologia e formação

Capítulo XV

- Relato de experiência, formação generalista e psicologia
Maria Eduarda Freitas Moraes e Cesar Augusto Vieira Junior.....182

Capítulo XVI

- Resoluções e vivências acerca da representação discente
Cesar Augusto Vieira Junior e Maria Eduarda Freitas Moraes.....187

Capítulo XVII

- Refletindo sobre alguns desafios à formação de professores no Brasil
Mayra Marques da Silva Gualtieri-Kappann, Alonso Bezerra de Carvalho e Jair Izaias Kappann.....193

Sobre as organizadoras.....207

Sobre os autores.....208

Capítulo III

PRÁTICAS DISCURSIVAS EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E A PRODUÇÃO DA ADOLESCÊNCIA

Ana Priscilla Christiano

PRÁTICAS DISCURSIVAS EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E A PRODUÇÃO DA ADOLESCÊNCIA

Ana Priscilla Christiano

Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR campus Londrina,
Departamento de Psicologia
Londrina – PR

RESUMO: Este texto problematiza as verdades produzidas sobre a adolescência atual. Os interlocutores teóricos ofereceram condições para que estas problematizações surgissem, em meio a pesquisas realizadas por estudantes do curso de Psicologia da PUCPR campus Londrina - durante a disciplina de Psicologia do Desenvolvimento. É possível afirmar que é necessário realizar nos cursos de formação de psicólogos a desconstrução da imagem dos sujeitos adolescentes produzidos pelos discursos dos especialistas e instalada no senso comum. A perspectiva foucaultiana - que indica que a adolescência deve ser entendida como uma categoria de vida construída à medida que o sujeito adolescente foi forjando - pode auxiliar nestas problematizações.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas discursivas; Psicologia do Desenvolvimento; Adolescência.

1. INTRODUÇÃO

A Psicologia do Desenvolvimento é uma disciplina constante nos cursos de graduação em Psicologia e em Pedagogia. Historicamente, no Brasil, resultou do desdobramento da disciplina de Psicologia Educacional nos cursos de formação de professores das Escolas Normais, durante a primeira metade do século XX. Autores como Santos (1948) e Fontoura (1959) que publicaram obras sobre a Psicologia Educacional, defendiam que esta englobava três áreas de estudos que estavam em processo de constituição: a Psicologia da Criança, a Psicologia da Aprendizagem e Psicologia Diferencial.

Tradicionalmente, a Psicologia da Criança ocupou-se das discussões que se iniciaram no final do século XIX sobre sua “evolução” - detalhando as fases e as especificidades do desenvolvimento infantil. À medida que os discursos sobre a Psicologia da Criança se especializaram, passaram a abranger outros momentos da vida do ser humano como a adolescência, a vida adulta e a velhice como podemos observar nas publicações de Bee (1997) e Shaffer (2005).

Atualmente, apesar das discussões - a respeito do desenvolvimento humano - estarem em transformação, não é incomum que a disciplina de Psicologia do Desenvolvimento aborde esses momentos da vida sob uma ótica evolucionista em que a criança e o adolescente são vistos como seres em

processo de amadurecimento em diferentes aspectos - afetivos, cognitivos, emocionais, sociais - rumo à vida adulta. Ao mesmo tempo, também são abordados temas que tratam das características comuns a cada “fase” da vida, naturalizados como sendo comuns a todos os seres humanos daquela faixa etária. Dentre estas características estão desde aquelas relacionadas aos aspectos físicos e neurológicos, como também comportamentais, sociais, cognitivos e emocionais.

Entretanto, os manuais comumente - que servem como referência para as leituras que embasam a disciplina de Psicologia do Desenvolvimento - pouco problematizam a própria existência da adolescência como uma fase da vida forjada em meio à produção de práticas discursivas e não discursivas que engendraram saberes sobre o ser humano a partir do século XIX - período em que a Psicologia se constituiu como ciência independente.

Estes saberes assumiram - pelas mãos dos estudiosos das áreas de Psicologia, Educação, Medicina - efeitos de verdade que legitimaram quem é o adolescente de hoje e, ainda, define-o como sujeito - que pensa, sente, fala - e como objeto - que deve ser educado, contido, entendido, direcionado. Considerando isso, faz-se necessário lançar um olhar problematizador para a perspectiva naturalizante sobre a forma como o adolescente foi produzido, enquanto sobre ele se organizavam os saberes da Psicologia do Desenvolvimento.

Partindo do princípio de que as práticas discursivas e não discursivas produzidas sobre o adolescente e sua adolescência forjaram-no ao longo do século XX, fez-se necessária uma desconstrução das verdades instituídas e legitimadas sobre o adolescente moderno. Foi considerado, então, que a universidade é bom espaço para esta desconstrução e constituição de novas possibilidades de olhar para o adolescente e, ainda, que a disciplina de Psicologia de Desenvolvimento tem muito a contribuir com isso.

Desta forma, a autora deste texto - que também ministra esta disciplina no curso de graduação em Psicologia PUCPR campus Londrina - se propôs a desenvolver - para o trabalho com esta disciplina - uma metodologia de ensino que possibilitasse uma desconstrução daquilo que os jovens estudantes do curso tomavam como verdades a respeito deste momento da vida do ser humano que se convencionou chamar de adolescência - período da vida que se estende dos doze aos dezoito anos, aproximadamente.

A proposta da disciplina, então, foi propor aos estudantes que realizassem, ao longo do semestre, uma pesquisa qualitativa exploratória que respondesse a seguinte questão: A adolescência é natural ou construída?

Este texto relata os resultados das pesquisas realizadas e apresentadas em sala de aula pelos grupos de estudantes organizados pela professora.

2. A PESQUISA COMO FACILITADORA DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Antes de tudo, cabe aqui explicar que a “pesquisa” pode ser entendida, segundo Demo (2006), como princípio científico - que, por sua vez, muitas vezes acaba se resumindo a produção técnica de conhecimento - ou, também, como princípio pedagógico. Esta última a entende como um modo de educar por meio do questionamento e do saber pensar de forma problematizadora sobre a realidade histórica e social da qual o estudante faz parte.

A possibilidade de trabalhar com pesquisa como metodologia de ensino-aprendizagem surgiu em meio a algumas constatações empíricas do cotidiano universitário como, por exemplo, o distanciamento que muitos estudantes relatam ter das práticas de pesquisa ao longo do curso de graduação, assim como a resistência que apresentam, cotidianamente, à introdução de novas metodologias que se distanciam do ensino tradicional e que exijam mais autonomia e criatividade no processo de construção do conhecimento acadêmico-profissional.

Em contrapartida, a sociedade atual tem mostrado que o profissional que sai da Universidade deve, ao mesmo tempo, ter conhecimento suficiente para lidar com as mais diferentes exigências do mercado de trabalho e ainda características como autonomia, proatividade e criatividade que o habilitariam a não ser um mero reproduutor daquilo que aprendeu na academia, mas sim um profissional capaz de inovar, criar novas demandas e mesmo de se recriar como sujeito.

Associado a esta demanda ainda há a necessidade de formar, não só um trabalhador que atenda as demandas mercadológicas, mas também que seja capaz de refletir criticamente sobre seu papel no mundo, inclusive problematizando as demandas que chegam até ele e buscando novas formas de ser e viver no mundo atual.

Para formar estes jovens muitas metodologias de ensino são postas em operação na tentativa de garantir que ele - ao mesmo tempo em que se apropria do conhecimento sistematizado sobre determinada disciplina - também crie condições subjetivas de questionar o próprio conhecimento adquirido.

Segundo Martins e Varani (2012, p.650) o que caracteriza o trabalho docente é o ensino que pode ser entendido como um:

conjunto de atividades planejado prévia, intencional e sistematicamente, cujo desenvolvimento visa socializar com os discentes conhecimentos, habilidades, valores, visões de mundo, hábitos e atitudes historicamente produzidos pela humanidade, bem como a desenvolver as suas capacidades sensório-motoras e cognoscitivas, os paradigmas ético-políticos que os orientam e as possibilidade que têm de aplicar o aprendido e exercitado na escola em diferentes espaços e contextos históricos.

Para garantir que este ensino se efetive muitos modelos teórico-metodológicos são desenvolvidos e vão desde aqueles identificados com o ensino mais tradicional que envolvem memorização e repetição, ou ainda aqueles que buscam adequar os indivíduos a sua realidade de forma a-crítica, até aqueles que propõem capacitar os estudantes para atuarem como agentes de mudança de sua própria realidade e, também, dos grupos sociais dos quais faz parte (MARTINS; VARANI, 2012).

Dentro desta última perspectiva, uma alternativa foi apontada por Demo (2006). Este teórico propôs que um caminho de ensino-aprendizagem só levaria o estudante rumo a um processo emancipatório de construção de um pensamento crítico sobre o mundo e sobre si, se fosse atravessado por práticas de pesquisa, que aqui pode ser entendida como uma estratégia metodológica de promoção de aprendizagem. Nesta perspectiva:

o que faz da aprendizagem algo criativo é a pesquisa, porque a submete ao teste, à dúvida, ao desafio, desfazendo tendência meramente reprodutiva. Aprender, além de necessário, sobretudo como expediente de acumulação de informação, tem seu lado digno de atitude construtiva e produtiva, sempre que expressar descoberta e criação de conhecimento, pelo menos a digestão pessoal do que se transmite. Ensinar e aprender significam na pesquisa, que reduz e/ou elimina a marca imitativa. (DEMO, 2006, p. 43).

Para este mesmo autor, melhor do que aprender pela imitação é aprender pela pesquisa, pois somente esta conseguiria transformar o processo de aprendizagem em algo criativo e produtor de conhecimento reflexivo, a medida que coloca o estudante em diálogo com a realidade da qual faz parte. Assim, dialogar com a realidade pode ser a “definição mais apropriada de pesquisa, porque a apanha como princípio científico e educativo. Quem sabe dialogar com a realidade de modo crítico e criativo faz da pesquisa condição de vida, progresso e cidadania” (DEMO, 2006, p.44).

Foi seguindo esta perspectiva que a realização de uma pesquisa ao longo do semestre foi proposta para os estudantes da disciplina de Psicologia do Desenvolvimento, abrindo caminho para uma visão integral que considerasse os múltiplos aspectos que interferem na constituição do sujeito adolescente.

Desta forma, a sala foi dividida em grupos de quatro pessoas que deveriam desenvolver uma metodologia de investigação que os levasse a responder a questão proposta pela professora, elencando diferentes formas de conhecer os múltiplos fatores associados à constituição da adolescência moderna.

Após a leitura de textos introdutórios e discussões em sala de aula definiu-se como objetivo geral da pesquisa identificar e analisar os diferentes discursos que circulam em torno da “adolescência”. Para tanto foi feito - por todos os grupos de estudantes - primeiramente, um levantamento de material bibliográfico que tratasse da adolescência, não só como um período do desenvolvimento

humano, mas também como uma categoria de estudos composta por diversos discursos constituídos historicamente.

Após a leitura do material e construção do referencial teórico da pesquisa, respaldada em autores como César (2008), Birman (2006) e Foucault (2014) cada grupo desenvolveu uma metodologia específica.

Um grupo realizou um levantamento de manuais de Psicologia do Desenvolvimento e fizeram uma comparação entre os aspectos e as formas que a adolescência foi abordada.

Outro grupo buscou nos estudos de neurociências e fisiologia as explicações para alguns aspectos comuns aos adolescentes evidenciando a influência do meio e a interação com o organismo.

Outro ainda realizou uma roda de conversa com cinco adolescentes de idades entre doze e dezoito anos solicitando a eles que respondessem se achavam que a adolescência era natural ou construída.

O último grupo buscou na transgeracionalidade as respostas para a questão norteadora da pesquisa. Juntamente com a professora criaram uma entrevista semiestruturada que foi aplicada em quatro famílias. Foram entrevistadas quatro mulheres de cada família que foram divididas em três categorias: 1^a geração (idosas entre 73 e 83 anos), 2^a geração (adultas entre 42 e 53 anos) e 3^a geração (adolescentes entre 13 e 17 anos). Os dados obtidos nestas entrevistas foram postos, juntamente com a professora, em relação com o referencial teórico e possibilitaram a problematização dos discursos sobre a adolescência que as estudantes-pesquisadoras tiveram contato. A discussão a seguir relata os resultados da pesquisa deste último grupo e algumas reflexões que podem ser feitas sobre eles.

3. UMA DISCUSSÃO POSSÍVEL SOBRE A PRODUÇÃO DA ADOLESCÊNCIA NA MODERNIDADE

Para a discussão dos dados obtidos durante as pesquisas o livro de César (2008) serviu como ponto de partida, já que trazia uma visão da adolescência como um período produzido através dos saberes de diversos teóricos, desde o final do século XIX, e que sugere que a melhor forma de desnaturalizar esta categoria, historicamente produzida, é interrogar os discursos que circulam em torno da temática, na atualidade.

Esta proposta da autora respalda-se nos estudos de Michel Foucault. De acordo com a perspectiva de Foucault (2014), desde a Modernidade um conjunto de práticas discursivas e não discursivas sobre o ser humano tem se organizado, classificando-os em categorias de análise e intervenção: a criança, o adolescente, o idoso, o louco, o indivíduo perigoso para a sociedade. Este conjunto de práticas assume - de tempos em tempos - efeitos de verdade sobre os sujeitos dos qual falam e acabam legitimando formas de compreender, explicar e intervir na vida e no corpo destes sujeitos, dentre os quais estão os

adolescentes. Estes saberes, reconhecidos como verdades, forjam o adolescente moderno e oferecem respaldo para a construção de formas de conhecimento cada vez mais detalhados que acabam por defini-lo.

Ao mesmo tempo também se organizam técnicas de condução que levam a produção daquilo que passa a ser reconhecido como normal e esperado para o adolescente - surge, assim, o sujeito disciplinado e alvo da biopolítica. Se o sujeito disciplina é aquele em que o poder disciplinar incide sobre seu corpo - observando-o, conhecendo-o, detalhando-o e intervindo diretamente sobre ele, na biopolítica este sujeito passa a ser visto em conjunto - o grupo. A condução da vida da população como um todo a ser gerenciado.

Sobre os discursos, Foucault (2008, p. 30) defende que um conjunto de discursos é sempre um conjunto finito e “efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas”, o que nos permite perguntar, diante de um enunciado, como foi que ele, e não outro, apareceu.

Segundo ele, os discursos de um determinado estrato histórico formam regularidades discursivas que de tempos em tempos promovem dispersões, a medida que sobre eles são produzidos novos discursos que mudam o rumo das construções teóricas sobre os objetos. Nesta perspectiva o discurso é visto como um conjunto “em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos” (FOUCAULT, 2008, p.61).

A proposta do autor, então é realizar suas análises considerando que os enunciados são diferentes entre si, mas pertencentes a uma mesma formação discursiva, pois mesmo que haja unidade, esta deve ser analisada como um conjunto de regras positivadas. Por isso é importante descrever a coexistência de saberes dispersos e também heterogêneos, o sistema que rege sua repartição, “como se apoiam uns nos outros, a maneira pela qual se supõem ou se excluem, a transformação que sofrem, o jogo de seu revezamento, de sua posição e de sua substituição” (FOUCAULT, 2008, p.39)

O adolescente, em suas diferentes manifestações comportamentais, emocionais, cognitivas, psíquicas passa a ser explicado por “experts” de áreas da saúde, educação e ciências humanas. Estas explicações influenciam diretamente na forma como os pais, professores e os próprios adolescentes veem suas experiências, suas transformações e ainda interferem na interpretação de todas estas manifestações como algo anormal ou perigoso, o que justificaria a visão naturalizada da adolescência como fase de conflitos e rebeldia que hoje circula, tanto entre a população em geral, como entre muitos estudiosos. Interrogar estes discursos abre a possibilidade de que novas formas de pensar e agir se organizem.

Dentre estes discursos está o de Birman (2006) que afirmou que não deve-se adotar uma leitura exclusivamente psicobiológica das idades da vida, pois nesta perspectiva estas idades seguiriam um padrão regulado pelos registros biológicos e psíquicos que explicariam a duração e a sequência temporal de cada um dos períodos. Esta dimensão biológica considera que há

uma sucessão de fases, desde o nascimento até a morte, com características em comum e bastante demarcadas em cada uma destas fases.

O autor não tira a importância do registro biológico, entretanto, defende que ele deva ser relativizado e contextualizado pois é atravessado por outros registros institucionais e sociológicos como a educação, o trabalho e a família que, apesar de serem construídos historicamente, nos discursos atuais, sobre a adolescência, foram colocados como consequência de um certo funcionalismo regulado pelo determinismo biológico. Birmam (2006) afirma que foi pelo apagamento desta dimensão histórica que o modelo biológico foi naturalizado e banalizado.

Já César (2008) caracteriza a adolescência como uma fase de ajustes necessários em relação aos parâmetros estabelecidos de maturidade. Estas adequações são, muitas vezes, interpretadas como crises que os adolescentes passariam. Como Birmam (2006) a autora não tira a importância do registro biológico, mas defende que considerar a adolescência como uma etapa da vida marcada pela ideia de crise significa insistir em uma maneira de investigação científica que naturaliza seus aspectos, deixando de lado seu caráter histórico. Isso comprometeria a reflexão da adolescência e marcaria o adolescente como um sujeito em conflito com o mundo e consigo. Além disso, sua compreensão se daria respaldada na existência de uma “essência do sujeito” que fecharia a possibilidade de organização de novos discursos menos normalizadores sobre a temática.

Desta forma, é possível perceber que ambos autores evidenciam em seus discursos sobre a adolescência, a importância da desconstrução da imagem desses sujeitos adolescentes que se instalou no senso comum. A perspectiva foucaultiana com a qual os dois teóricos se identificam, nega a existência deste sujeito adolescente como sendo o mesmo no mundo inteiro, mas entende que sobre eles muitos discursos têm sido produzidos e estão em circulação em uma relação de forças. Nesta constante tensão entre aquilo que se diz e aquilo que é feito no cotidiano é que ora algumas palavras e práticas são reconhecidas como corretas e verdadeiras, ora outras é que assumem este *status*.

Durante as entrevistas realizadas foi possível identificar as tensões entre estes discursos advindos de sujeitos de diferentes idades e dentre aqueles pronunciados pelas entrevistadas e o que autores como Birman (2006), César (2008) e Foucault (2014) trazem.

Ao responderem as questões, os sujeitos da 1^a geração trouxeram pontos de vista semelhantes no que se referiu a: suas profissões, já que eram do lar; sobre seus sonhos durante a adolescência, que eram estudar e se formar; sobre seus deveres, dentre os quais estavam principalmente cuidar da família e estudar; sobre a relação com os pais, que foi relatada como sendo sempre de respeito e atravessada por grande rigor. Os entrevistados apresentaram respostas semelhantes quando o tema foi a rebeldia. Segundo eles a rebeldia estava associada a falta de educação, responder para os pais, mostrar a língua para os pais, não acatar as normas e regras estabelecidas e nenhuma das

entrevistas relatou identificar-se com estas características pois, como uma delas relatou: "...em suas casas não havia espaço para isso"(sic), mas quando indagados sobre os comportamentos caracterizados hoje e antes como rebeldes, os entrevistados foram unâimes em responder que as diferenças são gritantes, o que deixa claro que o que era rebeldia para a avó não é considerado rebeldia para a neta.

Já os sujeitos da 2^a geração apresentaram diferenças entre si nas profissões que declararam, como enfermeira ou engenheira agrônoma e entre as mulheres da primeira geração que se autodeclararam do lar; na forma como entendiam o namoro e na liberdade que tinham para sair e se relacionar com outras pessoas, mas mantiveram respostas muito próximas das mulheres idosas no que se refere aquilo que durante a adolescência esperavam para o futuro: casar, estudar, cuidar da família e apresentaram conceitos sobre a rebeldia muito próximo daqueles ditos pelas mulheres idosas, deixando claro que também não passaram por esta "fase" quando adolescentes. Duas delas, assim como as idosas, justificaram a ausência de rebeldia, durante a adolescência, pelo tratamento enérgico dado pelos pais as suas primeiras manifestações de desrespeito.

Pelas entrevistas com as adolescentes da 3^a geração foi possível constatar grande semelhança entre aquilo que foi dito por suas avós e mães. As atuais adolescentes relataram possuir as mesmas ambições, expectativas para a vida adulta que as mulheres das outras duas gerações entrevistadas. O mesmo aconteceu com sua noção de deveres e de explicações para o que consideram rebeldia. Entretanto, os discursos sobre a relação com os pais, as situações de namoro e de relacionamento com amigos estiveram marcados por diferenças contratantes tanto em relação as idosas, quanto em relação as mulheres adultas.

Quando solicitados a definir a adolescência os entrevistados da 1^a geração trouxeram palavras como: trabalho, inocência, responsabilidade, liberdade. Os da 2^a geração disseram: responsabilidade, maravilhosa, felicidade, formação. Já para os adolescentes da 3^a geração ela pode ser definida como: diversão, tranquilidade, maneira (legal), chata.

Quando indagados se a adolescência era uma fase natural ou construída, duas idosas responderam que era construída e duas que era natural. Para três mulheres adultas é natural e para uma é construída. Já dentre as adolescentes, três acreditam que é natural e uma disse que é construída e também natural.

Estes relatos permitem concluir que os acontecimentos deste estrato histórico afetaram diretamente os discursos sobre a adolescência, que, mesmo pertencendo a uma mesma regularidade discursiva, apresentam movimentos dispersivos a medida que são entendidos e interpretados de formas diferentes nas três gerações entrevistadas. Assim, as atuais características comportamentais atribuídas a este período da vida humana, ainda que estejam mais relacionadas a questão cultural do que a questão biológica, como apontaram os teóricos referenciados, ainda é muitas vezes relatada como uma

“fase natural” de conflitos e crises. As respostas dadas pelas pessoas entrevistadas evidenciaram como estes discursos acabaram naturalizando aquilo que compõem a adolescência e acabam por desconsiderar as múltiplas possibilidades de se viver este período.

REFERÊNCIAS

- BEE, H. L. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BIRMAN, J. Tatuando o desamparo. In: Cardoso, M. R. (org). **Adolescentes**. São Paulo: Editora Escura, 2006, p. 25-43.
- CÉSAR, M. R. **A invenção da adolescência no discurso psicopedagógico**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- DEMO, P. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 12 ed. São Paulo: Cortez. 2006.
- FONTOURA, A. A. **Psicologia educacional**: 1^a parte - Psicologia da criança. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1959.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2008.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 28 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- KNOBEL, M.; ABERASTURY, A. **Adolescência Normal**. Um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- MARTINS, M. F.; VARANI, A. Professor e pesquisador: considerações sobre a problemática relação entre ensino e pesquisa. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 12, n. 37, p. 647-680, set./dez., 2012.
- SANTOS, T. M. **Psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Livraria Boffoni Editora, 1948.
- SHAFFER, D. R. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Cengage learning, 2005.

ABSTRACT: This text problematizes the truths produced about the current adolescence. The theoretical interlocutors provided the conditions for these

problems to arise, in the midst of researches carried out by students of the Psychology course of the PUCPR Londrina campus - during the course of Developmental Psychology. It is possible to affirm that it is necessary to carry out in the courses of formation of psychologists the deconstruction of the image of the adolescent subjects produced by the speeches of the specialists and installed in the common sense. The Foucaultian perspective - which indicates that adolescence must be understood as a constructed category of life as the adolescent subject was forging - can help in these problematizations.

KEYWORDS: Discursive practices; Developmental Psychology; Adolescence.

SOBRE OS AUTORES

ALINE DE DEUS DA SILVA Especialista em Psicologia do Trabalho: Gestão em Qualidade pela Universidade Católica Dom Bosco (2016). Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2014). Experiência de trabalho com Psicologia Clínica e Psicologia Social. Contato: psicologaalinesilva@gmail.com

ALONSO BEZERRA DE CARVALHO Graduado em Filosofia e em Ciências Sociais (UNESP), Mestre em Educação (UNESP), Doutor em Educação (Universidade de São Paulo), Pós-Doutor em Ciências da Educação (Universidade Charles de Gaulle, França) e Livre-Docente (UNESP). Professor adjunto da UNESP/Assis, atua no Departamento de Educação da UNESP/Assis e no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP/Marília. Desenvolve pesquisas na área de Educação, com ênfase em Filosofia da Educação e Didática, atuando principalmente nos seguintes temas: ética, educação, amizade, modernidade, didática, formação de professores, filosofia e sociologia da educação. É líder do grupo de pesquisa do CNPQ Educação, Ética e Sociedade (GEPEES) da UNESP/Assis.

ANA PRISCILLA CHRISTIANO É professora do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR campus Londrina desde 2013. Atua junto às disciplinas de Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia e Educação e Supervisão em Estágio Profissionalizante. Doutora em Educação na área de Psicologia Educacional pela UNICAMP (2017). Mestrado em Psicologia na área de Infância e realidade brasileira pela UNESP - Assis (2010). Especialização em Psicopedagogia pela UEL (2008) e em Psicologia aplicada à Educação pela UEL (2005). Graduação em Psicologia pela UEL (2000). Realiza pesquisas na interface entre Psicologia e Educação com ênfase em infância, adolescência e juventude.

ANDRÉ HENRIQUE SCARAFIZ Psicólogo Clínico. Docente do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR) e na Faculdade Metropolitana de Maringá (UNIFAMMA/PR). Mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). Especialista em Psicologia Fenomenológica-Existencial pela Universidade Paranaense (UNIPAR/PR) e Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). E-mail: andre.psico01@gmail.com

BÁRBARA ANZOLIN Especialista em Avaliação Psicológica pela UNIFIL e SAPIENS Instituto de Psicologia, Bacharel em Psicologia pela UNIPAR/Campus Cascavel. Atualmente é professora do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR/Campus Umuarama, mestranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá – UEM e

pesquisadora do DeVerso, grupo de pesquisa em Saúde, Sexualidade e Política. Contato: bah.anzolin@gmail.com

CEZAR AUGUSTO VIEIRA JUNIOR Psicólogo. Mestrando em Psicologia na Universidade Federal de Santa Maria e bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa “Saúde, Minorias Sociais e Comunicação”.

DANIELE DA SILVA FÉBOLE Psicóloga formada pela Universidade Estadual de Maringá - UEM. Atua em atendimento clínico e atualmente é mestrandona Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEM e pesquisadora do DeVerso, grupo de pesquisa em Saúde, Sexualidade e Política. Contato: danifebole91@gmail.com

EDUARDO MOURA DA COSTA Doutorando em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (Campus Assis), Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Psicólogo formado pela Universidade Estadual Paulista (Campus Assis). Membro do grupo de pesquisa "Teoria Sócio histórico cultural".

ELISANDRA CRISTINA DAL BOSCO Especialista em Gestão de Pessoas pela Faculdade Sul Brasil (2016), Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2014). Experiência de trabalho com Psicologia Organizacional e do Trabalho e Psicologia Social. Contato: elisandra_dalbosco@hotmail.com

ÉMILY LAIANE AGUILAR ALBUQUERQUE Possui graduação em psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestranda em Subjetividade e práticas sociais na contemporaneidade na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Membro do Instituto Psicologia em Foco (IPF), atuando como redatora do Jornal Psicologia em Foco e organizadora de eventos em psicologia pela Oficina do Saber. Tem experiência na área de psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica e Psicanálise.

GIOVANA FERRACIN FERREIRA Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná, mestrandona Universidade Estadual de Maringá, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Tem como foco de pesquisa a psicologia histórico-cultural, desenvolvimento humano, psicopatologia e álcool e outras drogas.

GIOVANA KREUZ Graduação em Direito - UNIVEL (2006) e graduação em Psicologia pela Universidade Católica do Paraná PUC-PR (1999). Especialização em "Psicanálise com crianças" pela UTP-PR e "Educação, políticas sociais e atendimentos a famílias" pelo ISEPE. Formação em Tanatologia (ISEPE). Mestre em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da UERJ (2009). Docente de psicologia na UNINGA (2012) e UEM (2012-2013 - Universidade Estadual de

Maringá). Psicóloga do Hospital do Câncer UOPECCAN (2001/2011). Certificada em Psicologia da Saúde pela ALAPSA e Especialista em Psicologia Hospitalar (CFP). Doutoranda em Psicologia Clínica na PUC-SP (2013-2017). Reside em Maringá PR onde atua em consultório particular e como colaboradora da ONGs Instituto Longevidade e CVV (Centro de Valorização da Vida), coordena grupo de estudos sobre suicídio; colaborou com a capacitação sobre prevenção e posvenção do suicídio, para 870 funcionários da Prefeitura de Maringá. Email de contato: giovana_k@yahoo.com.br

JAINNY BEATRIZ SILVA DUARTE Formação em Psicologia pela Faculdade Guanambi. Especializada em Terapia Cognitiva Comportamental pela Capacitar. Estágio extra-curricular no CRAS de Espinosa-MG. Estágio extra-curricular no CREAS de Espinosa-MG. Mediadora do Grupo de adolescentes NUCA. Psicóloga no CRAS de Espinosa-MG. Participação do Projeto de Pesquisa e Extensão: Psicologia, Direitos Humanos e Povos Indígenas. Participação no Evento de Extensão “VI CIPSI- Congresso Internacional de Psicologia da UEM. Autora do artigo: Os impactos da violência à identidade da mulher.

JAIR IZAIAS KAPPANN Psicólogo, Mestre e Doutor pela UNESP de Assis, Professor Assistente do curso de Psicologia da UNESP de Assis, pesquisador dos grupos de pesquisa do CNPQ: Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Ética e Sociedade do (GEPEES), Núcleo de Estudos sobre Violência e Relações de Gênero (NEVIRG) da UNESP/Assis. Pesquisador na área de políticas públicas para crianças e adolescentes, consumo de drogas, ética, educação e Psicanálise.

LUCIA CECILIA DA SILVA Psicóloga, Docente do curso de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). Graduada em Psicologia e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP/RP), com pós-doutorado pela Université Paris-Diderot (França). E-mail: luciacecilia@hotmail.com

MARIA EDUARDA FREITAS MORAES Psicóloga. Mestranda em Psicologia na Universidade Federal de Santa Maria e bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa “Saúde, Minorias Sociais e Comunicação”.

MARIA HELENA PEREIRA FRANCO Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1975), mestrado (1986) e doutorado (1993) em Psicologia Clínica pela PUC de São Paulo. É professora titular da PUC de São Paulo, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica e na Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, fundadora (1996) e coordenadora do Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto - LELu, da PUC-SP.

Coordenadora do GT Formação e Rompimento de Vínculos na ANPEPP., de 2005 a 2011. Co-fundadora do 4 Estações Instituto de Psicologia, em São Paulo. Membro desde 1997 do International Work Group on Death, Dying and Bereavement - IWG. Autora de livros, capítulos e artigos sobre luto, terminalidade, desastres e emergências, cuidados paliativos. Membro da Comissão de Emergências e Desastres do Conselho Federal de Psicologia, de novembro de 2014 a dezembro de 2016.

MARIA ISABEL FORMOSO CARDOSO E SILVA BATISTA Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP (2008), Mestre em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP/Araraquara (2000), Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP/Assis (1994). Atualmente é professora associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná UNIOESTE/Campus de Toledo-PR, estando vinculada ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas e ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Contato: miformoso@hotmail.com

MARITA PEREIRA PENARIOL Mestre em Psicologia e Sociedade pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - FCL/UNESP Assis, SP, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduada em Psicologia também pela UNESP/Assis (2012), com ênfase em Políticas Públicas e Clínica Crítica e Subjetividade, Trabalho e Administração do Social. Tem experiência nas áreas da Psicologia, Psicologia Social e Psicologia do Trabalho, com ênfase em Políticas Públicas, atuando principalmente nos seguintes temas: psicologia, análise institucional e gestão pública.

MAYRA MARQUES DA SILVA GUALTIERI-KAPPANN Psicóloga pela Univ. Presb. Mackenzie de São Paulo, Mestre e Doutora em Educação pela UNESP de Marília, pesquisadora dos grupos de pesquisa do CNPQ: Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Ética e Sociedade do (GEPEES), Núcleo de Estudos sobre Violência e Relações de Gênero (NEVIRG) da UNESP/Assis e Grupo de Estudos e Pesquisa sobre o Desenvolvimento Sociomoral de Crianças e Adolescentes da UNESP/São José do Rio Preto. Docente de cursos de graduação e pós-graduação, desenvolve pesquisas em ética, educação, formação de professores, psicologia do desenvolvimento, desenvolvimento moral, consumo de drogas e políticas públicas. Atua também como psicóloga na clínica psicanalítica.

PAULO VITOR PALMA NAVASCONI Psicólogo, membro do coletivo Yalodê-Badá e do Núcleo de Estudos Interdisciplinar Afro-Brasileiro da UEM (NEIAB). Coordenador estadual da cadeira LGBT do Fórum Paranaense de Juventude Negra. Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá

(UEM/PR) no ano de 2015. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). Membro do grupo de pesquisa em sexualidade, saúde e política (DEVERSO). Dedica-se atualmente a estudos relacionados a raça, gênero, genocídio da população negra e comportamento suicida. E-mail: Paulonavasconi@hotmail.com

REGINA PEREZ CHRISTOFOLLI ABECHE Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (1985) e doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2003). Professora supervisora da área clínica e professora do Programa de Pós-graduação na área de concentração: Epistemologia e Práxis em Psicologia, do Departamento de Psicologia, da Universidade Estadual de Maringá; coordenadora do projeto de Pesquisa: Os sintomas na clínica atual: uma leitura em Freud. Tem experiência na área de Psicologia Clínica (teoria Psicanalítica). Estuda as seguintes temáticas: mídia, cultura contemporânea, adolescência. Tem como embasamento teórico Freud e a Psicanálise integrada também a uma visão histórico-social.

ROSE ANI JAROSZUK Psicóloga, Psicoterapeuta e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR).

SILVANA CALVO TULESKI Psicóloga, com formação acadêmica e atuação profissional na área de Psicologia Escolar e Educacional, Especialista em Psicologia da Educação, Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá/PR e doutora em Educação Escolar pela UNESP- Campus de Araraquara/SP. É professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá/PR. Participa dos Diretórios de Pesquisa/CNPq intitulados: Estudos Marxistas em Educação, Psicologia Histórico-Cultural e Educação e do Grupo de Estudos e Pesquisas em educação Infantil. Possui diversos artigos publicados em revistas científicas na perspectiva teórica da Psicologia Histórico-cultural. É membro do corpo docente do Mestrado em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá e orienta trabalhos ligados aos fundamentos da Psicologia Histórico-Cultural, Neuropsicologia Iuriana e problemas de escolarização na abordagem da Escola de Vigotski. Coordenadora do LAPSIC (Laboratório de Psicologia Histórico Cultural) da Universidade Estadual de Maringá.

SILVIO JOSÉ BENELLI Psicólogo e mestre em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras/UNESP, Assis, SP. Doutor em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia, USP, São Paulo. Professor assistente doutor no Depto. de Psicologia Clínica e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FCL/UNESP, Assis, SP. Membro do Grupo de Pesquisa “Saúde Mental e Saúde Coletiva” inscrito no diretório de grupos do CNPq, Linha de pesquisa “Subjetividade, Psicanálise e Saúde Coletiva”.

SIMONE JÖRG Mestre em Psicologia Social pela PUCSP e Doutoranda em Psicologia Social pela PUCSP. Especialização pelo INSTITUT DE RECHERCHE EN PSYCHOTHÉRAPIE, de Paris (2012). Experiência na área de Psicologia desde 1995, com ênfase em Psicologia Social, Clínica e Organizacional. Atendimento clínico-social a crianças, adolescentes, adultos, famílias e grupos. Docente universitária .Coordenação do Colegiado de Psicologia e Responsável técnica pela elaboração de matriz curricular. Coordenação do NEPP - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia. Coordenação de NDE - Núcleo Docente Estruturante. Coordenação de projeto de pesquisa e extensão com comunidades indígenas do extremo sul da Bahia.

SYLVIA MARA PIRES DE FREITAS Psicóloga. Docente do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). Mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialista em Psicologia do Trabalho pelo Centro de Ensino Universitário Celso Lisboa (CEUCEL/RJ). Formação em Psicologia Clínica Existencialista pelo Núcleo de Psicoterapia Vivencial (NPV/RJ). E-mail: sylviamara@gmail.com

VANESSA DE OLIVEIRA BEGHETTO PENTEADO Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná, mestrandona em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Está cursando especialização em Teoria Histórico-Crítica na Universidade Estadual de Maringá. Tem como foco de pesquisa a psicologia histórico-cultural, psicopatologia, saúde mental e saúde pública.

ROSE ANI JAROSZUK Psicóloga, Psicoterapeuta e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). E-mail: roseanij@hotmail.com

VIVIAN RAFAELLA PRESTES Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário de Maringá (2011), especialização em Psicanálise: Teoria e Clínica pelo Núcleo de Educação Continuada do Paraná (2013) e mestrado pela Universidade Estadual de Maringá, linha Epistemologia e práxis em psicologia (2015). Atua como professora universitária na Universidade Paranaense (UNIPAR) e Faculdade Metropolitana de Maringá (FAMMA), também atende na clínica particular com referencial psicanalítico

WILSILENE PEREIRA GOMES Formação em Psicologia pela Faculdade Guanambi-BA. Estágio Extracurricular no serviço de Psicologia Jurídica junto ao NPJ (Núcleo de Prática Jurídica) da Faculdade Guanambi, com atendimentos a crianças, adolescentes, adultos e casais. Experiência no projeto Agitação Social

promovido pelo Rotaract Clube e Casa da Amizade de Guanambi-Ba com a participação do NPJ. Realizou os cursos em avaliação psicológica: testes projetivos e palográficos e Transtornos de Aprendizagem. Autora do artigo: Os impactos da violência à identidade da mulher, que foi apresentado no VI CIPSI. Dentre as qualificações profissionais, participou de vários simpósios voltados para a área da saúde, jurídica e social e atualmente atua como psicóloga do Município de Pindaí-BA.

ZELINDA DA SILVA NONATO REIS Formação em Psicologia pela Faculdade Guanambi-BA. Especializada em Terapia Cognitiva Comportamental pelo Centro Universitário Amparensse (UNIFIA). Psicóloga voluntária do hospital do rim em Guanambi-BA. Psicóloga do Centro de Referência de Assistência Social da cidade de Igaporã-BA. Estágio em Psicologia Hospitalar no Hospital Regional de Guanambi-BA. Estágio em Plantão Psicológico na Delegacia de Polícia Civil de Guanambi-BA. Participação da IV, V, VI Conferência Municipal de Assistência Social de Pindaí e da Capacitação para Conselheiros, gestores e lideranças em direitos da pessoa idosa no estado da Bahia. Autora do artigo: Os impactos da violência à identidade da mulher, que foi apresentado no VI CIPSI. Realização do mini-curso: Testes Projetivos na Faculdade Guanambi.